

B" H

COMEMORANDO

ROSH HASHANÁ
e
YOM KIPUR

5773 – 2012

- *Guia*
- *Receitas*
- *Kidush*
- *Caparot*
- *Histórias*

Shaná Tová!

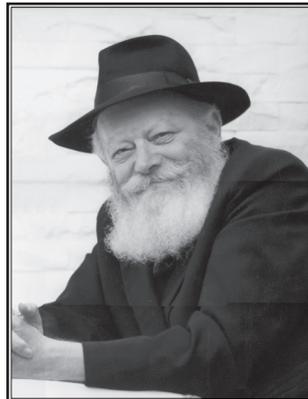


Beit Chabad de Perdizes
R. Dr. Manoel Maria Tourinho, 261
Fones: 3865-0615 / 9-8497-7000
e-mail: hanaslonim@gmail.com

MENSAGEM DO REBE

Caro Amigo,

Tishrê é um mês bastante colorido. Cada matiz da vida judaica está representado – Dias Solenes, Dias de Jejum e Dias de Júbilo. Não é uma coincidência que o primeiro mês do ano tenha “amostras” de cada nuance e cor da vida judaica, pois estas “amostras” têm a finalidade de nos dar uma introdução e uma orientação prática para o restante do ano. Observando os dias especiais de Tishrê em seu espírito apropriado, somos iniciados a uma verdadeira vida judaica, segundo o espírito da Torá, durante todo o ano que se segue.



O que podemos aprender com estes dias especiais?

Para começar, temos **Rosh Hashaná**, o início do Ano Novo, o dia no qual o primeiro homem, recém-criado, proclamou a soberania de D’us sobre todo o Universo. Quando estamos para começar alguma coisa, devemos sempre nos lembrar que D’us é o Criador do Céu e da Terra, e o único Rei do Universo, e que nossa ação ou empreendimento deve ter a aprovação Divina. Isso é enfatizado pelos...

Dez Dias de Arrependimento, a nos lembrar que, como somos servos do Rei do Universo, devemos contabilizar nossas ações para certificarmo-nos de que estão de acordo com os desejos do Amo. No entanto, como somos apenas seres humanos, é possível que falhemos de vez em quando. Eis por que D’us nos dá...

Yom Kipur, para imprimir sobre nós a percepção de que nunca é tarde demais para voltar ao caminho certo, desde que o façamos com sinceridade, completamente arrependidos, nos livrando dos maus hábitos do passado, e prometendo solenemente melhorar nosso comportamento no futuro. Se tomarmos esta firme resolução, D’us nos perdoará, e nos purificará completamente de nossos pecados. Embora este caminho possa nos parecer difícil...

Sucot nos ajuda a não desesperar em nossos dias de sofrimento, mesmo que sejamos minoria, pois D’us é nosso protetor, como Ele nos demonstrou claramente com as Nuvens de Glória com as quais nos rodeou durante os quarenta anos de perambulação pelo deserto depois da partida do Egito. Finalmente, para saber como levar nossa vida de acordo com os desejos de D’us, temos...

Shemini Atsêret e Simchat Torá, pois na Torá D’us nos concedeu Leis Divinas de justiça e integridade, e uma verdadeira orientação para a vida; moldando nossa existência dessa maneira, temos a certeza da verdadeira felicidade, tanto neste mundo como no Mundo Vindouro. Pois a Torá é uma “árvore da vida para aqueles que se apegam a ela, e os que a apóiam são felizes”.

Estas, brevemente, são algumas das principais lições de Tishrê e não pode restar dúvida de que ao segui-las fielmente, **o Ano Novo será feliz, tanto espiritual quanto materialmente**, e a bênção que desejamos mutuamente certamente será cumprida. Estes são meus desejos a cada um de vocês.

M. Schwartz

ÍNDICE

Guia.....	5
Receitas.....	16
Kidush (noite).....	18
Kidush (dia).....	19
Caparot.....	21
Histórias.....	23

ROSH HASHANÁ

Do pôr-do-sol de domingo, 16/9 (às 17h40)

ao anoitecer de terça-feira, 18/9 (às 18h34)

Aniversário do Universo e Dia do Julgamento

VÉSPERA DE ROSH HASHANÁ – domingo, 16/9

- Costuma-se visitar os túmulos dos justos e de parentes para solicitar que intercedam perante o Trono Divino por nosso bem.
- Neste dia distribui-se tsedacá aos pobres para que possam comprar o necessário para Yom Tov.
- Hatarat Nedarim (anulação de promessas) é realizada na sinagoga após Shacharit (a Prece Matinal), perante um tribunal de dez homens.
- Entre as compras feitas para Rosh Hashaná deve-se incluir uma fruta da nova estação que ainda não foi ingerida, para poder recitar a bênção de Shehecheyánu no acendimento das velas e no kidush da segunda noite.

O ANIVERSÁRIO DO UNIVERSO

Rosh Hashaná, considerado o aniversário do Universo, é na realidade o sexto dia da Criação, quando D'us criou o primeiro homem, Adam – o propósito de toda a Criação. O primeiro ato de Adam foi proclamar D'us como Rei do Universo. Por isso, a cada Rosh Hashaná coroamos o Todo Poderoso como Regente do mundo, reafirmando nosso compromisso de servi-Lo apropriadamente. Assim como D'us completou a Criação no primeiro Rosh Hashaná, a cada Rosh Hashaná Ele reavalia a qualidade de nosso relacionamento com Ele, assumindo uma vez mais o sustento do mundo. Nisto se constitui o julgamento de Rosh Hashaná.

HATARAT NEDARIM

A cerimônia de Hatarat Nedarim anula qualquer promessa não cumprida por esquecimento ou força maior. É realizada antes de Rosh Hashaná para que o ano novo reinicie sem conexão com qualquer falha do passado.

LIVRO DA VIDA

Nossos sábios explicam que em Rosh Hashaná somos julgados por D'us. Se merecedores, D'us nos inscreverá no Livro da Vida. Dez dias depois, em Yom Kipur, o Livro é selado. Pelo arrependimento sincero, preces e práticas de caridade, podemos suavizar Seu decreto e ser digno das bênçãos Divinas de saúde e prosperidade para o próximo ano.

ROSH HASHANÁ

• Comemora-se Rosh Hashaná por dois dias, 1 e 2 de Tishrê – segunda-feira, 17/9 e terça-feira, 18/9.

• Rosh Hashaná inicia-se antes do pôr-do-sol da véspera, domingo, 16/9, às 17h40 e termina terça-feira, 18/9, às 18h34.

• As atividades proibidas no Shabat também o são em Rosh Hashaná, com exceção de carregar (objetos permitidos) num domínio público e cozinhar para as refeições do mesmo dia.

• Deve-se deixar uma vela ou fogo aceso antes do pôr-do-sol, que dure o suficiente para que, as velas da segunda noite de Rosh Hashaná possam ser acesas e a comida preparada a partir desta chama. É proibido criar fogo em Yom Tov (riscando um fósforo). Somente é permitido passar o fogo de uma chama previamente acesa com um palito ou vela (tomando cuidado de não apagá-la posteriormente).

• Em Rosh Hashaná os tefilin não são colocados.

PRIMEIRA NOITE DE ROSH HASHANÁ – domingo, 16/9 Acendimento das Velas às 17h40

• Ao acender as velas na primeira noite recita-se as bênçãos:

BARUCH ATÁ A-DO-NAI E-LO-HÊ-NU
MÊLECH HAOLAM, ASHER KIDESHÁ-
NU BEMITSVOTAV, VETSIVÁNU LE-
HADLIC NER SHEL YOM HAZICARON.

Bendito és Tu, ó Eterno nosso D’us,
Rei do Universo, que nos santificou
com Seus mandamentos e nos ordenou
acender a vela do Dia da Lembrança.

BARUCH ATÁ A-DO-NAI E-LO-HÊ-
-NU MÊLECH HAOLAM, SHEHECHE-
YÁNU VEKIYEMÁNU VEHIGUIÁNU
LIZMAN HAZÊ.

Bendito és Tu, ó Eterno nosso D’us,
Rei do Universo, que nos deu vida, nos
manteve e nos fez chegar até a presente
época.

Na Sinagoga

• Na primeira noite de Rosh Hashaná, após Arvit (a Prece Noturna), todos se cumprimentam com o voto:

(para um homem) LESHANÁ TOVÁ
TICATÊV VETECHATÊM.

Que sejas inscrito(a) e selado(a) para
um bom ano.

(para uma mulher) LESHANÁ TOVÁ
TICATÊVI VETECHATÊMI.

A Refeição

- Ao retornar da sinagoga, recita-se o kidush da noite de Rosh Hashaná (vide pág. 18).

- Após o kidush, abluem-se as mãos, como em todas as próximas refeições, vertendo água de uma caneca três vezes consecutivas em cada mão até o pulso, iniciando pela mão direita, recitando-se a bênção “Al netilat yadáyim” antes de enxugar as mãos (veja a bênção por extenso na pág. 20).

- Costuma-se usar chalot redondas em Rosh Hashaná simbolizando, entre outras razões, a coroação de D’us neste dia. Expressa-se também a esperança de que o ano novo seja perfeito e traga o melhor de tudo para cada um.

- Distribui-se um pedaço da chalá para cada participante, mergulhando-o no mel antes de comer. Isto é feito em todas as refeições da Festa. Antes de ingerir a chalá, pronuncia-se a bênção “Hamôtsi” (vide pág. 20).

- Na primeira noite de Rosh Hashaná, antes de iniciar a refeição, mergulha-se uma maçã doce no mel. Recita-se a bênção da fruta e um pedido:

BARUCH ATÁ A-DO-NAI E-LO-HÊ-NU Bendito és Tu, ó Eterno nosso D’us, Rei
MÊLECH HAOLAM, BORÊ PERI HAETS. do Universo, que cria o fruto da árvore.

YEHI RATSON MILEFANÊCHA SHETE- Possa ser Tua vontade renovar para nós
CHADÊSHALÊNU SHANÁ TOVÁ UMTUCÁ. um ano bom e doce.

- Em Rosh Hashaná costuma-se saborear alimentos que simbolizam doçura, bênção e fartura. Portanto, vinho doce ou bebidas doces, peixe e carne gorda fazem parte desta refeição. (Não se come nada temperado com vinagre ou raiz forte para não ter um ano amargo. Nozes também não devem ser ingeridas.)

- Serve-se cabeça de peixe ou carneiro (na prática, a língua é utilizada) para representar o desejo de ser “cabeça”, sobressaindo-se com justiça e servindo de exemplo para todos.

- Tsimes, um prato de cenouras doces, também é servido. A palavra yidish para cenouras é meren, que também significa acrescentar. Assim, tsimes representa o desejo de possuir mais méritos que falhas (vide receita na pág. 16).

- Outros alimentos especiais são: alho-poró, acelga, tâmara, abóbora-moranga, feijão fradinho e romã.

- O bolo de mel é também uma sobremesa tradicional durante esta época (vide receita na pág. 16).

- Na conclusão da refeição, recita-se a Bênção de Graças (Bircat Hamazon), encontrada no Sidur (Livro de Rezas). Acrescenta-se o parágrafo Yaalê Veyavô, lembrando a data de Rosh Hashaná (Yom Hazicaron).

SEGUNDA NOITE DE ROSH HASHANÁ – segunda-feira, 17/9

• Na segunda noite, uma fruta da nova estação, que ainda não foi provada, é colocada sobre a mesa no horário do acendimento das velas e do kidush.

Acendimento das Velas após 18h34

• É proibido criar fogo em Yom Tov riscando um fósforo. As velas são acesas com um palito utilizando o fogo de uma chama acesa desde a véspera (tomando cuidado de não apagar o palito posteriormente).

• Ao acender as velas na segunda noite recita-se as mesmas bênçãos da noite anterior (vide acima na pág. 6).

• Recita-se o kidush da noite de Rosh Hashaná (vide pág. 18).

• Em seguida (antes da ablução das mãos), a nova fruta é saboreada, após recitar a bênção:

BARUCH ATÁ A-DO-NAI E-LO-HÊ-NU Bendito és Tu, ó Eterno nosso D’us, Rei
MÊLECH HAOLAM, BORÊ PERI HAETS. do Universo, que cria o fruto da árvore.

• Como na primeira noite, abluem-se as mãos, recita-se a bênção “Al netilat yadáim” e come-se a chalá mergulhada no mel, após pronunciar a bênção “Hamôtsi”.

• Na conclusão da refeição, recita-se a Bênção de Graças (Bircat Hamazon), encontrada no Sidur. Acrescenta-se o parágrafo Yaalê Veyavô, lembrando a data de Rosh Hashaná (Yom Hazicaron).

OS DIAS DE ROSH HASHANÁ – segunda-feira, 17/9 e terça-feira, 18/9 **O Toque do Shofar**

• A principal mitsvá de Rosh Hashaná é ouvir o toque do shofar. De acordo com a Torá deve-se ouvir pelo menos trinta toques. Porém é costume ouvir cem toques, trinta após a leitura da Torá e o restante durante e após o término das orações.

• Deve-se prestar atenção especial às bênçãos antes do toque do shofar e responder amên.

• Ao ouvir o toque do shofar, a pessoa deve ser despertada para retornar a D’us e proclamá-Lo como Rei do Universo.

• A partir do momento em que as bênçãos do shofar são recitadas até os últimos toques (no final do serviço religioso), os presentes devem permanecer em completo silêncio, sem conversar.

Os Almoços

- Ao retornar da sinagoga recita-se o kidush do dia de Rosh Hashaná (vide pág. 19).
- Após o kidush abluem-se as mãos, e pronuncia-se a bênção “Al netilat yadáyim”.
- Costuma-se usar chalot redondas.
- Distribui-se um pedaço da chalá para cada participante, mergulhando-o no mel antes de comer, recitando a bênção “Hamôtsi”.
- Na conclusão da refeição recita-se a Bênção de Graças (Bircat Hamazon), encontrada no Sidur. Acrescenta-se o parágrafo Yaalê Veyavô, lembrando a data de Rosh Hashaná (Yom Hazicaron).

Primeiro Dia de Rosh Hashaná à Tarde – segunda-feira, 17/9

• Em Rosh Hashaná à tarde, logo após Minchá (a Prece Vespertina), é costume ir até um lago ou poço onde haja peixes, para recitar a prece de Tashlich e invocar a mercê Divina. Esta oração encontra-se no Machzor (Livro de Rezas) de Rosh Hashaná. A palavra tashlich advém do versículo: “Tu jogarás (tashlich) seus pecados nas profundezas do mar.” A água simboliza bondade; e os peixes, com seus olhos sempre abertos, representam a vigilância constante da Divina Providência.

Término de Rosh Hashaná – terça-feira, 18/9, às 18h34

• No final do segundo dia de Rosh Hashaná recita-se a havdalá encontrada no Sidur, sem acender a vela trançada e sem cheirar as especiarias.

O SHOFAR

O shofar, o mais antigo instrumento de sopro, lembra entre outras coisas:

1. O toque do shofar ouvido no Monte Sinai quando aceitamos os mandamentos de D’us para sempre.
2. Akedat (amarração de) Yitschac, quando Avraham sacrificou um cordeiro no lugar de seu filho, um ato de grande mérito para seus descendentes, o povo judeu.
3. O chamado do “grande shofar” que D’us tocará na vinda de Mashiach, quando reunirá todos os exilados do povo judeu na Terra Santa.
4. A Ressurreição dos Mortos, despertando o desejo e a crença por este dia.

OS DEZ DIAS DE TESHUVÁ

Corrigindo o Passado

- Os dez primeiros dias do mês de Tishrê – os dois dias de Rosh Hashaná, os sete dias que se seguem e Yom Kipur – são época propícia para reparar falhas e nos aproximar de D’us. São conhecidos como os Dez Dias de Teshuvá.
- Durante estes dias, há vários trechos que são acrescentados à Amidá (Prece Principal), inclusive no Shabat. Após a Amidá da manhã e da tarde recita-se a oração Avínu Malkênu (exceto no Shabat).
- O Shabat entre Rosh Hashaná e Yom Kipur é denominado Shabat Teshuvá, baseado na leitura dos profetas (Haftará): “Volta (shuvá), ó Israel, pois tropeçaste...”

JEJUM DE GUEDALYÁ – quarta-feira, 19/9 das 4h49 até 18h23

- O dia seguinte a Rosh Hashaná é um dia de jejum, que se inicia ao alvorecer e termina com o surgimento das estrelas.

TESHUVÁ

Teshuvá, frequentemente traduzida como arrependimento, na realidade significa retorno. O Judaísmo enfatiza que a centelha Divina da alma é boa. Não se alcança o verdadeiro arrependimento por meio de severa autocondenação, mas pela percepção de que nosso mais profundo desejo é realizar o bem de acordo com a vontade de D’us.

Os sete dias entre Rosh Hashaná e Yom Kipur são oportunos para fazer teshuvá pelo ano que passou. Esta semana é um modelo; por exemplo, o domingo engloba todos os domingos do ano e assim por diante.

GUEDALYÁ

Guedalyá ben Achicam, governador de Israel, foi assassinado em Rosh Hashaná 3339, dois meses após a destruição do Primeiro Templo, causando a dispersão do povo judeu remanescente. Nossos sábios fixaram o jejum para o dia seguinte a Rosh Hashaná.

YOM KIPUR

Do pôr-do-sol de terça-feira, 25/9 (às 17h43)
ao anoitecer de quarta-feira, 26/9 (às 18h37)

Dia do Perdão

VÉSPERA DE YOM KIPUR – terça-feira, 25/9

Caparot

- Na madrugada da véspera de Yom Kipur (ou nos dias precedentes) é realizado o ritual de caparot.
- Segura-se um galo branco (para os homens) ou uma galinha branca (para as mulheres), enquanto é recitada uma breve prece (veja o texto completo nas págs. 21 e 22).
- As aves são ritualmente abatidas e uma soma equivalente a seu real valor é doada aos pobres.
- Pode-se também fazer caparot com dinheiro, doando-o a seguir para tsedacá.

Fazendo as Pazes

- Yom Kipur perdoa pecado cometido contra D'us; transgressões praticadas contra o próximo são perdoadas somente após ter se desculpado pessoalmente.

Outros Costumes da Véspera de Yom Kipur

- É mitsvá todos os homens irem ao micvê na véspera de Yom Kipur para entrar com pureza no Dia Sagrado.
- Após Shacharit (a Prece Matinal) é costume pedir à alguém um pedaço de lécach (bolo de mel). A intenção é, caso seja decretado que durante o ano a pessoa deva receber caridade, que cumpra sua pena ao pedir este lécach. Aquele que entrega o lécach deve desejar um ano bom e doce.

DIA DO PERDÃO

Após o pecado do bezerro de ouro, Moshê rezou e, em dez de Tishrê, D'us concedeu pleno perdão ao povo judeu. Desde então foi fixado como dia do perdão para todo o sempre.

CAPAROT

Quando a pessoa faz caparot deve ter em mente que merecia, por seus erros, o mesmo destino da ave, inspirando-a a uma sincera teshuvá. D'us, em Sua grande misericórdia, lhe concederá uma nova chance.

• Antes de Minchá (a Prece Vespertina) deve-se dar bastante tsedacá. Neste momento deve-se dar também o resgate das caparot. É costume distribuir caixinhas ou pratos pela sinagoga para coletar esta tsedacá. O Báal Shem Tov afirmou: “O barulho das moedas nos pratos destrói as forças negativas.”

As Refeições

• Na véspera de Yom Kipur é mitsvá fazer duas refeições fartas – uma no almoço e outra à tarde. Dizem nossos sábios: “Todo aquele que come e bebe na véspera e jejua em Yom Kipur é considerado como se jejuasse dois dias seguidos.”

• Costuma-se usar chalá redonda, mergulhando os pedaços no mel, após a ablução das mãos e recitação das bênçãos “Al netilat yadáyim” e “Hamôtsi” (pág. 20).

• Na última refeição antes do jejum não se come peixe. Costuma-se comer creplach, tradicionais pasteizinhos de carne (vide receita na pág. 17).

• Os alimentos desta refeição devem ser de fácil digestão.

• Deve-se convidar pessoas pobres para a mesa, principalmente na última refeição, para que a mesa sirva como capará (expição).

Abençoando os Filhos

• Os pais costumam abençoar os filhos com a Bênção Sacerdotal antes de ir à sinagoga, desejando que sejam selados para uma longa vida, com temor a D’us:

YEVARECHECHÁ A-DO-NAI, VEYISH-
MERÊCHA. YAER A-DO-NAI PANAV
ELÊCHA, VICHUNÊCA. YISSÁ A-DO-
NAI PANAV ELÊCHA, VEYASSÊM
LECHÁ SHALOM.

D’us te abençoe e te proteja. D’us faça
Sua face brilhar sobre ti e seja gracioso
para contigo. D’us eleve Sua face para
ti e te dê paz.

Para os meninos acrescenta-se as palavras:

YESSIMECHÁ E-LO-HIM KEEFRÁYIM
VECHIMENASHÊ.

Que D’us te faça como Efráyim e
Menashê.

Para as meninas acrescenta-se as palavras:

YESSIMÊCH E-LO-HIM KESSARÁ, RIV-
CÁ, RACHEL VELEÁ.

Que D’us te faça como Sará, Rivcá,
Rachel e Leá.

Pede-se com lágrimas que D’us aceite estas orações. Também os filhos devem neste momento decidir seguir o caminho correto e os passos dos homens justos.

YOM KIPUR

- Comemora-se Yom Kipur em 10 de Tishrê.
- O jejum de Yom Kipur inicia-se antes do pôr-do-sol da véspera, terça-feira, 25/9 às 17h43 e termina ao completo anoitecer de quarta-feira, 26/9 às 18h37.
- As atividades criativas proibidas no Shabat também o são em Yom Kipur, inclusive carregar em propriedade pública. Portanto deve-se tomar cuidado para não transportar o livro de orações, talit e óculos de leitura ou qualquer outro objeto. Estes devem ser deixados na sinagoga antes do início do jejum.
- Em Yom Kipur os tefilin não são colocados.

- Além de abster-se de comer e beber, em Yom Kipur também é proibido:
 - ✓ Usar perfumes, óleos, desodorantes, maquiagem ou loções.
 - ✓ Lavar-se.
 - ✓ Calçar sapatos de couro (mesmo que sejam parcialmente de couro).
 - ✓ Manter relações conjugais.

Acendimento das Velas e Início do Jejum – às 17h43

- Deve-se colocar uma toalha de Shabat sobre a mesa antes de acender as velas, arrumar as camas e vestir roupas festivas em honra a Yom Kipur.
- Antes do acendimento das velas de Yom Kipur, é costume acender uma vela de 24 horas pelos pais falecidos. Esta pode ser acesa em casa, para aproveitar a sua chama na havdalá após Yom Kipur.

COMER E BEBER

A proibição de comer e beber em Yom Kipur recai até mesmo sobre uma quantia mínima. Existe, porém, uma quantia estipulada de comida ou bebida que, se ingerida, consiste em transgressão de uma proibição maior. No caso de um doente que deve comer, conforme veremos adiante, deve ser-lhe dada, na medida do possível, uma quantia menor que esta quantia. No caso de líquidos, deve ser dado ao doente o equivalente a menos de uma bochecha cheia a cada nove minutos, ou pelo menos a quatro minutos, se for suficiente. No caso de alimentos sólidos, deve-lhe ser dado menos de 30 centímetros cúbicos no prazo acima, se possível. É preferível beber a comer neste dia em caso de doença.

As crianças que já entendem a santidade do dia não costumam comer guloseimas neste dia.

Até mesmo enxaguar a boca não é permitido.

Se a pessoa não tem força suficiente para ir à sinagoga em jejum, deve permanecer em casa, de cama, mas jamais comer para ter forças para ir à sinagoga ou rezar. Se a pessoa sabe que se for à sinagoga passará mal, talvez precisando comer no meio do jejum, não deve ir.

- Ao acender as velas recitam-se as bênçãos:

BARUCH ATÁ A-DO-NAI E-LO-HÊ-NU BENDITO és Tu, ó Eterno nosso D'us,
MÊLECH HAOLAM, ASHER KIDESHÁ- Rei do Universo, que nos santificou
NU BEMITSVOTAV, VETSIVÁNU LE- com Seus mandamentos e nos ordenou
HADLIC NER SHEL YOM HAKIPURIM. acender a vela do Dia do Perdão.

BARUCH ATÁ A-DO-NAI E-LO-HÊ-NU BENDITO és Tu, ó Eterno nosso D'us,
MÊLECH HAOLAM, SHEHECHEYÁNU Rei do Universo, que nos deu vida, nos
VEKIYEMÁNU VEHIGUÍÁNU LIZMAN manteve e nos fez chegar até a presente
HAZÊ. época.

AS PRECES

Col Nidrê

- Em Yom Kipur deve-se deixar de lado as preocupações materiais para dedicar-se às preces. Inicia-se Arvit (a Prece Noturna) com o cântico de Col Nidrê, que exime o indivíduo, de antemão, de qualquer promessa que, porventura, venha a esquecer de cumprir no ano entrante.

- Antes de Col Nidrê, a Torá é retirada. A Torá deve ser beijada, pedindo-lhe perdão por desrespeitá-la durante o ano.

A Confissão

- Durante cada uma das preces de Yom Kipur recita-se a confissão (vidui), enumerando os pecados cometidos e pedindo perdão a D'us.

As Orações do Dia

- As orações da manhã se constituem de Shacharit (a Prece Matinal) uma leitura da Torá e Mussaf (a Prece Adicional) que inclui a Bênção Sacerdotal.

Yizcor

- Antes de Mussaf recita-se Yizcor em memória de entes queridos falecidos.

COL NIDRÊ

A reza de Col Nidrê, com sua tradicional melodia, tem origem na época da Inquisição, quando muitos judeus foram forçados a se converter através de torturas. Na noite de Yom Kipur rezavam Col Nidrê com pesar e emoção, anulando o que haviam afirmado contra a religião judaica.

YIZCOR

Yom Kipur perdoa também os mortos e seu perdão ocorre quando o filho promete dar caridade em sua honra. Recitar Yizcor lembra o dia da morte, despertando assim para teshuvá.

Minchá

- No fim da tarde, antes do pôr-do-sol, recita-se Minchá (a Prece Vespertina) que inclui uma leitura da Torá. Este trecho trata das proibições de incesto e adultério. Por ser uma proibição rigorosa e de fácil transgressão, é lida na tarde de Yom Kipur.

- Neste momento também é lido o livro do Profeta Yoná. Este livro relata como D’us queria destruir uma cidade grande chamada Ninvê, mandando o Profeta Yoná para advertir o povo. Ao ouvir a advertência, todos jejuaram três dias e fizeram teshuvá, fazendo com que D’us os perdoasse. É lido em Yom Kipur para que se aprenda que o principal não é o jejum, mas a sincera vontade da teshuvá.

Ne’ilá – Trancando os Portões Celestiais

- A prece final do dia, quando o julgamento para o ano novo está sendo selado, é denominada Ne’ilá. É o único serviço, de todo o ano, no qual as portas da Arca Sagrada permanecem abertas do início ao fim. Isto simboliza que os portões celestiais das preces estão escancarados para todos neste momento. Esta deve ser rezada com grande intenção e com sentimento de pureza para despertar a piedade Divina nos últimos momentos do dia. Ne’ilá culmina com Shemá Yisrael e outros versículos pronunciados em uníssono, seguindo-se o toque final do shofar.

- É bom lembrar que Yom Kipur não termina com o toque do shofar, mas só após Arvit (a Prece Noturna) e havdalá.

Término de Yom Kipur – 18h37

- No final de Yom Kipur recita-se a havdalá (encontrada no Sidur) com uma vela que ficou acesa durante Yom Kipur.

- Ao sair da sinagoga cada um deseja ao outro “Gut Yom Tov” ou “Chag Samêach”.

- Ao chegar em casa, deve-se fazer uma refeição festiva. Nesta refeição mergulha-se a chalá no mel, após a ablução das mãos e a recitação das bênçãos “Al netilat yadáyim” e “Hamôtsi” (pág. 20).

LAÇO ETERNO

Embora as Grandes Festas sejam dias solenes, não são tristes. De modo sutil, Yom Kipur é considerado um dos dias mais felizes do ano, pois recebemos o que talvez seja a mais sublime dádiva de D’us: Seu perdão. Quando uma pessoa perdoa outra, isto se deve a um sentimento profundo de amizade e amor que anula o efeito de qualquer mal praticado. Do mesmo modo, o perdão Divino é a expressão de Seu amor eterno e incondicional. Embora possamos ter transgredido Sua vontade, nossa essência, a alma, permanece Divina e pura. Yom Kipur é o único dia do ano em que D’us revela mais claramente que nossa essência e a Sua são uma só. Ao nível da alma, o povo judeu é todo igual e indivisível. Sempre que se demonstra a união essencial, agindo com amor e amizade, mais será revelado o amor de D’us.

RECEITAS TÍPICAS

TSIMES

Ingredientes

1 colher (chá) de óleo	*3 colheres (chá) de mel
6 cenouras fatiadas	1/4 xíc. de suco de laranja
1 batata doce grande picada em cubos	1 pitada de sal
	2 fatias de abacaxi cortadas em pedaços

Modo de fazer

Refogue as cenouras no óleo por 15 minutos. Acrescente a batata doce, o mel, o suco e o sal. Continue refogando em fogo baixo por 30 minutos. Acrescente o abacaxi. Depois de 5 minutos retire do fogo. Sirva quente.

BOLO DE MEL

Ingredientes

4 ovos	2 colheres (chá) de fermento em pó
1 copo de açúcar	2 colheres (chá) de bicarbonato de sódio
1 copo de óleo	1 colher (chá) de noz moscada ralada
*1 copo de mel	1 colher (chá) de cravo moído
3 1/2 copos de farinha de trigo	1 colher (de chá) de canela
1 copo de chá forte	1/2 colher de sal
	1/2 copo de uvas passas

Modo de fazer

Bata as claras em neve e reserve. Em outra tigela bata bem as gemas até clarear. Acrescente aos poucos o açúcar, o óleo e o mel batendo sempre. Adicione os ingredientes secos alternando-os com o chá. Misture à mão as claras em neve. Despeje em fôrma untada. Enfarinhe as uvas passas e coloque-as sobre o bolo. Asse por 55 minutos em forno moderado e pré-aquecido.

ATENÇÃO: os ingredientes assinalados com asterisco devem ser CASHER.

Podem ser encontrados em vários locais inclusive na
All Kosher, Al. Barros, 391, loja 12 – Fone: 3825-1131

CREPLACH

Ingredientes

Massa

- 1 3/4 xícara de farinha de trigo
- 2 ovos
- 1/2 colher (chá) de sal
- 3 colheres (sopa) de óleo

Recheio

- *1 xícara de carne (ou frango) moída
- 1 cebola pequena ralada
- 1 colher (chá) de sal

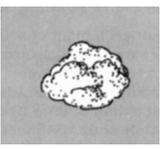
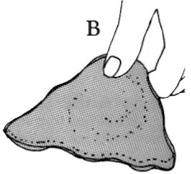
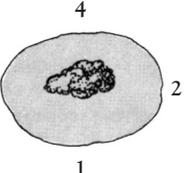
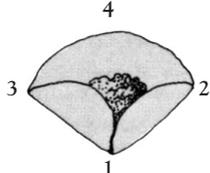
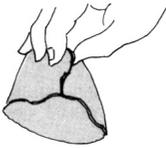
Modo de fazer

Massa: Misture os ingredientes numa vasilha grande. Trabalhe a massa com as mãos e em seguida abra-a sobre uma superfície polvilhada com farinha de trigo. Corte a massa em círculos ou quadrados de uns 8 centímetros.

Recheio: Numa travessa menor, misture bem os ingredientes do recheio. Veja as instruções de como recheiar e dobrar a massa nas ilustrações abaixo.

Obs.: Os creplach podem ser cozidos em água salgada fervente durante 20 minutos até flutuar ou diretamente na sopa. Ou então podem ser primeiramente dourados em frigideira tefal (sem óleo) em ambos os lados e depois fervidos na sopa durante 10 minutos.

Dica: A massa se desenrolará mais facilmente se ficar embrulhada num pano úmido durante uma hora.

<p>1 Em uma superfície enfarinhada, abra a massa o mais fino possível.</p>	<p>2 Modelo quadrado: corte a massa em quadrados de 8 cm. Coloque 1 colher (chá) de recheio no centro.</p> 	<p>3 Junte a ponta A com a ponta B e aperte dos lados com a ponta do dedo umedecido para ligar melhor.</p> 
<p>4 Modelo redondo: corte a massa em círculos de 8 cm com a borda de uma xícara. Coloque 1 colher (chá) de recheio no centro.</p> 	<p>5 Levante os lados 1-2 e 1-3 para se encontrarem no centro, por cima do recheio. Aperte as pontas.</p> 	<p>6 Dobre para frente a lateral 3-4-2 e aperte as pontas para formar um triângulo. Junte os lados com a ponta dos dedos umedecidos para ligar melhor.</p> 

KIDUSH PARA AS NOITES DE ROSH HASHANÁ

DOMINGO, 16/9 e SEGUNDA-FEIRA, 17/9

- Segura-se a taça na palma da mão direita e recita-se:

SAVRI MARANAN: BARUCH ATÁ A-DO-
NAI E-LO-HÊ-NU MÊLECH HAOLAM,
BORÊ PERI HAGÁFEN.

Atenção senhores! Bendito és Tu, ó
Eterno nosso D'us, Rei do Universo,
que cria o fruto da vinha.

BARUCH ATÁ A-DO-NAI E-LO-HÊ-NU
MÊLECH HAOLAM, ASHER BÁCHAR
BÁNU MICOL AM, VEROMEMÁNU
MICOL LASHON, VEKIDESHÁNU
BEMITSVOTAV. VATITEN LÁNU A-DO-
NAI E-LO-HÊ-NU BEAHAVÁ ET YOM
HAZICARON HAZÊ, ET YOM TOV
MICRÁ CÔDESH HAZÊ, YOM TERUÁ
MICRÁ CÔDESH, ZÊCHER LITSIAT
MITSRÁYIM; KI VÁNU VACHÁRTAVEO-
TÁNU KIDÁSHTA MICOL HAAMÍM, UD-
VARECHÁ MALKÊNU EMET VECAYAM
LAAD. BARUCH ATÁ A-DO-NAI,
MÊLECHALCOLHAÁRETS,MECADESH
YISRAEL VEYOM HAZICARÔN.

Bendito és Tu, ó Eterno nosso D'us, Rei
do Universo, que nos escolheu dentre
todos os povos, nos elevou acima de
todas os idiomas e nos santificou com
Seus mandamentos. E nos deste, ó
Eterno nosso D'us, com amor este Dia
da Lembrança e este dia propício de
santa convocação, dia de toque, santa
convocação, em recordação à saída do
Egito. Pois a nós Tu escolheste e nos
santificaste dentre todos os povos e Tua
palavra, ó nosso Rei, é verdade e existe
por toda a eternidade. Bendito és Tu,
ó Eterno, Rei sobre toda a Terra, que
santifica Israel e o Dia da Lembrança.

- Acrescenta-se aqui a bênção de Shehecheyánu. Ao recitá-la na segunda noite de Rosh Hashaná, segunda-feira, 17/9, olha-se para a fruta nova:

BARUCH ATÁ A-DO-NAI E-LO-HÊ-NU
MÊLECH HAOLAM, SHEHECHEYÁNU
VEKIYEMÁNU VEHIGUIÁNU LIZMAN
HAZÊ.

Bendito és Tu, ó Eterno nosso D'us,
Rei do Universo, que nos deu vida, nos
manteve e nos fez chegar até a presente
época.

- A seguir, sentado, bebe-se a maior parte do conteúdo da taça.
- Divide-se o restante do vinho, acrescentando mais um pouco se desejar, entre todos os presentes.

KIDUSH PARA OS ALMOÇOS DE ROSH HASHANÁ

SEGUNDA-FEIRA, 17/9 e TERÇA-FEIRA, 18/9

- Segura-se a taça na palma da mão direita e recita-se:

TIC'U VACHÔDESH SHOFAR BAKÊSSE
LEYOM CHAGUÊNU. KI CHOC LE-
YISRAEL HU, MISHPAT LE-LO-HÊ YAA-
COV.

Soprai o Shofar na Lua nova, no dia
designado como nosso dia festivo. Pois
este é um decreto para Israel, [Dia de]
Julgamento para o D'us de Yaacov.

SAVRI MARANAN: BARUCH ATÁ A-DO-
NAI E-LO-HÊ-NU MÉLECH HAOLAM,
BORÊ PERI HAGÁFEN.

Atenção Senhores! Bendito és Tu, ó
Eterno nosso D'us, Rei do Universo,
que cria o fruto da vinha.

- A seguir, sentado, bebe-se a maior parte do conteúdo da taça.
- Divide-se o restante do vinho, acrescentando mais um pouco se desejar, entre todos os presentes.

NETILAT YADÁYIM E HAMÔTSI

- Antes de comer a chalá abluem-se as mãos, vertendo água de uma caneca três vezes consecutivas em cada mão, até o pulso, iniciando pela mão direita.
- Recita-se a seguinte bênção antes de enxugar as mãos:

BARUCH ATÁ A-DO-NAI E-LO-HÊ-NU Bendito és Tu, ó Eterno nosso D’us, Rei
MÊLECH HAOLÁM, ASHER KIDESHÁ- do Universo, que nos santificou com os
NU BEMITSVOTAV, VETSIVÁNU **AL** Seus mandamentos e nos ordenou sobre
NETILAT YADÁYIM. a ablução das mãos.

- Não é permitido conversar entre a recitação desta bênção e a ingestão do primeiro bocado de alimento.
- Antes de comer a chalá, imediatamente após lavar as mãos e pronunciar a bênção sobre a ablução, recita-se:

BARUCH ATÁ A-DO-NAI E-LO-HÊ-NU Bendito és Tu, ó Eterno nosso D’us, Rei
MÊLECH HAOLÁM, **HAMÔTSI** LÊ- do Universo, que faz brotar pão da terra.
CHEM MIN HAÁRETS.

- Esta bênção isenta a pessoa de todas as outras bênções anteriores a alimentos, exceto as do vinho, frutas e sobremesa.

CAPAROT

BENÊ ADÁM YOSHEVÊ CHÔSHECH VETSALMÁVET, ASSIRÊ ÔNI UVAR-ZÊL. YOTSIÊM MECHÔSHECH VETSALMÁVET, UAMOSROTEHÊM YENATÊC. EVILÍM MIDÊRECH PISH'AM, UMEAVONOTEHÊM YIT'ÁNU. COL ÔCHEL TETAÊV NAFSHÁM, VAYAGUÍU AD SHAARÊ MÁVET. VAYIZ'AKÚ EL A-DO-NAI BATSÁR LAHÊM, MIMETSUCOTEHÊM YOSHIÊM, YISHLÁCH DEVARÔ VEYIRPAÊM, VIMALÊT MISHCHITOTÁM. YODÚ LA-DO-NAI CHASDÔ, VENIFLEOTÁV LIVNÊ ADÁM. IM YÊSH ALÁV MAL'ÁCH MELÍTS ECHÁD MINÍ ÁLEF, LEHAGUÍD LEADÁM YOSHRÔ. VAYCHUNÊNU, VAYÔMER; PEDAÊHU MERÊDET SHÁCHAT, MATSÁTI CHÔFER.

Filhos do homem, que moram na escuridão e à sombra da morte, presos pela miséria e por cadeias de ferro – Ele os tirará da escuridão e da sombra da morte e quebrará seus grilhões. Pecadores insensatos, afligidos por causa de seus caminhos pecaminosos e suas iniquidades; sua alma abomina todo alimento e eles chegam aos portões da morte – clamam ao Eterno em sua angústia; Ele os salva de suas aflições. Envia Sua palavra e os cura; Ele os salva de seus túmulos. Agradeçam ao Eterno por Sua bondade, e [proclamem] Suas maravilhas para com os filhos do homem. Se há para um homem [pelo menos] um anjo intercessor dentre mil [acusadores], para falar de sua retidão em seu favor, então Ele lhe será gracioso e dirá: Salva-o de descer para o túmulo; Eu achei expiação [para ele].

• Gire a ave (ou dinheiro) sobre a cabeça ao pronunciar as palavras “CHALIFATÍ” (minha permuta), “TEMURATÍ” (meu substituto) e “CAPARATÍ” (minha expiação):

Homem: ZÊ CHALIFATÍ. ZÊ TEMURATÍ, ZÊ CAPARATÍ. ZÊ HATARNEGÔL YELÊCH LEMITÁ (quando feito com dinheiro substitua as palavras sublinhadas por: ZÊ HAKESSÊF YELÊCH LITSDACÁ), VAANÍ ELÊCH LECHAYÍM TOVÍM ARUCHÍM ULSHALÔM.

Esta é minha permuta, este é meu substituto, esta é minha expiação. Este galo irá para a morte (quando feito com dinheiro substitua as palavras anteriores por: “este dinheiro será doado à caridade”) e eu irei para uma boa e longa vida e para a paz.

CONTINUA

Mulher: ZÔT CHALIFATÍ, ZÔT TEMURATÍ, ZÔT CAPARATÍ. ZÔT HATARNEGÔLET TELÊCH LEMITÁ (quando feito com dinheiro substitua as palavras sublinhadas por: ZÊ HAKESSÊF YELÊCH LITSDACÁ), VAANÍ ELÊCH LECHAYÍM TOVÍM ARUCHÍM ULSHALÔM.

Mulher grávida faz caparot com um galo e duas galinhas e recita o texto no plural: ÊLU CHALIFATÊNU, ÊLU TEMURATÊNU, ÊLU CAPARATÊNU. ÊLU HATARNEGÔLIM YELECHU LEMITÁ (quando feito com dinheiro substitua as palavras sublinhadas por: ZÊ HAKESSÊF YELÊCH LITSDACÁ), VAANÁCHNU NELÊCH LECHAYÍM TOVÍM ARUCHÍM ULSHALÔM.

Esta é minha permuta, este é meu substituto, esta é minha expiação. Esta galinha irá para a morte (quando feito com dinheiro substitua as palavras anteriores por: “este dinheiro será doado à caridade”) e eu irei para uma boa e longa vida e para a paz.

Estas são minhas permutas, estes são meus substitutos, estas são minhas expiações. Estas aves irão para a morte (quando feito com dinheiro substitua as palavras anteriores por: “este dinheiro será doado à caridade”) e nós iremos para uma boa e longa vida e para a paz.

- Repita todo o texto acima (desde a página anterior) três vezes, girando a ave (ou o dinheiro) um total de nove vezes sobre a cabeça.

HISTÓRIAS DE ROSH HASHANÁ

A COROAÇÃO

Era tarde no sexto dia da criação do mundo. Tudo estava pronto agora, ou quase tudo. O sol raiava brilhante no céu azul, seus raios tremulavam, brincalhões, sobre as águas claras dos rios, riachos e lagos lá embaixo. Os prados verdejavam com grama fresca. Os pássaros pipilavam alegremente no ar. Os bosques estavam repletos de esquilos, coelhos, e toda espécie de grandes e pequenos animais.

No entanto, todos os animais eram parvos e não tinham idéia de como vieram a existir, tampouco Quem os criara. Assim, D’us decidiu criar a última e mais extraordinária criatura, que tivesse capacidade de pensar, falar e fazer coisas maravilhosas. Essa criatura era o Homem.

Quando Adam abriu os olhos e viu o belo mundo que o cercava, soube imediatamente que foi D’us Quem o criara, assim como a Ele mesmo. As primeiras palavras de Adam foram: “D’us é Rei para sempre!” O eco de sua voz reboou de uma extremidade do mundo até a outra.

“Agora, o mundo todo saberá que Eu sou o Rei” – disse D’us, e Se alegrou com isto.

Este foi o primeiro Rosh Hashaná! O primeiro Ano Novo. Era o dia do nascimento do Homem, e o dia da coroação do Rei dos reis!

“Agora, vejamos o que os reis fazem no dia de sua coroação?” – D’us perguntou, e respondeu: “Eles fazem daquele dia um festival. Os leais súditos reúnem-se em todos os lugares para expressar sua lealdade ao rei. Fazem soar as trombetas e clamam ‘Vida longa ao rei!’ O rei enche-se de amor por seus súditos e concede-lhes vários favores e honras. Ele perdoa até mesmo indivíduos que agiram contra a Sua vontade, se estes tenham se arrependido pelo que fizeram. Sim, é isso o que Eu farei!”

E assim, D’us fez de Rosh Hashaná um festival. Nós nos reunimos em sinagogas, tocamos o shofar e expressamos nosso amor por nosso Rei e Pai no Céu. D’us, por sua vez, concede-nos um ano bom e doce.

OS PRIMEIROS ARREPENDIDOS

De acordo com a tradição, foi em Rosh Hashaná que Cáyin matou seu irmão Hêvel.

Hêvel jazia imóvel na terra. Cáyin percebeu que matara o irmão. “O que devo fazer com o corpo?” – pensou, completamente perdido, pois nunca vira um cadáver antes, nem sabia o que fazer com um.

Um pio alto e furioso fê-lo levantar os olhos. Dois corvos lutavam ferozmente. Logo, um dos dois caiu por terra e lá jazeu, sem vida, assim como o irmão. A ave vencedora começou a cavar um buraco na terra com o bico e as garras. Depois, rolou o corpo da ave morta para dentro dele, cobriu-o com terra e voou para longe.

Cáyin, agora, sabia o que devia fazer. Cavou uma cova no solo e lá depositou o corpo do seu irmão, cobrindo-o com terra. “Tenho que fugir daqui” – pensou. Foi quando ouviu uma Voz Celestial: “Você acha que pode fugir de Mim? Onde está seu irmão, Hêvel?”

Cáyin gelou. “Não sei” – respondeu, “Será que sou o guardião do meu irmão?”

“Você, filho insensato do homem!” disse-lhe D’us. “Não pode esconder nada de Mim!”

O coração de Cáyin encheu-se de remorso. Estava profundamente arrependido pelo que fizera. “Será que meu pecado é pesado demais até mesmo para o perdão Divino?” – chorou, agoniado.

D’us olhou para dentro do coração de Cáyin e viu que este estava verdadeiramente arrependido. Disse D’us: “Já que você se arrependeu honestamente, com todo o coração, atenuarei sua punição. Pouparei sua vida, mas você terá que vagar sem descanso até o fim de seus dias; e então, você, também, morrerá nas mãos de um homem.”

Cáyin pôs-se a vagar. Seu pai Adam encontrou-o: “Por que estás tão triste, meu filho?” perguntou-lhe Adam. Cáyin contou-lhe tudo o que acontecera.

“Quer dizer que o poder do arrependimento é tão grande assim?” exclamou Adam. “Que pena não ter sabido disso logo.”

Adam orou a D'us para que perdoasse o seu próprio pecado de ter comido da árvore proibida. Orou com todo o seu coração e D'us aceitou seu sincero arrependimento, perdoadando-o.

Cáyin e Adam foram os primeiros arrependidos. Eles se arrependeram e foram perdoados – em Rosh Hashaná.

O FURO NO BARCO

Um homem foi chamado para pintar um barco que se encontrava na praia. Trouxe tinta e pincel e começou a pintá-lo de um vermelho brilhante, conforme combinado.

Enquanto pintava, percebeu que a tinta se infiltrava por um furo e deduziu que havia um vazamento. Decidiu consertá-lo. Quando terminou a pintura, recebeu o pagamento pelo serviço e foi embora.

No dia seguinte, o dono do barco foi procurar o pintor e o presenteou com um vultoso cheque. O pintor ficou admirado:

“Você já me pagou pela pintura do barco” – disse.

“Mas isto não é pelo serviço de pintura. É por ter consertado o furo no barco.”

“Foi algo tão pequeno que nem quis cobrar. Certamente, você não está pagando esta grande soma por uma coisa tão insignificante.”

“Meu caro amigo, você não compreendeu. Deixe-me contar o que aconteceu. Quando lhe pedi para pintar o barco, esqueci de contar sobre o furo. Depois que o barco ficou bonito e seco, meus filhos foram pescar. Eu não estava em casa neste momento. Quando voltei e notei que haviam saído com o barco, fiquei desesperado ao me lembrar do furo. Imagine meu alívio e alegria quando os vi retornar sãos e salvos. Então, examinei o barco e constatei que você o havia consertado! Agora compreende o que fez? Salvou a vida de meus filhos! Não tenho o bastante para pagar pela “pequena” coisa boa que você fez...”

O PEDAÇO DE CORDA

Um rico comerciante comprou um candelabro maravilhoso para sua casa. Era uma obra-prima, feito de puro cristal e cravejado de pedras preciosas. Custara uma verdadeira fortuna.

Para dependurar este belo candelabro, o comerciante fez um furo no forro da casa. Através do furo, passou uma corda para dentro da sala e amarrou-a ao candelabro. Prendeu a outra ponta a um prego no sótão. Puxou a corda até que o candelabro ficou dependurado no teto da sala. O que restou de corda foi enrolado em volta do prego no sótão.

Todos que vinham à casa admiravam o maravilhoso candelabro e tanto o homem como os outros membros da família orgulhavam-se muito dele.

Certo dia, veio um rapaz pobre pedir roupas. Disseram-lhe para subir ao sótão onde estavam guardadas roupas velhas e escolher algumas delas. Foi o que o pedinte fez. Escolheu algumas, colocou-as numa sacola e passou a procurar um pedaço de corda para amarrá-la. Vendo a corda enrolada num prego, resolveu tirar um pedaço. Abriu o canivete e cortou-a.

Crás! Ouviu-se um grande estrondo e, no momento seguinte, toda a família corria ao sótão gritando: “Idiota! Veja o que fez! Você cortou a corda e nos arruinou!”

O pobre rapaz não conseguia entender porque havia tanta agitação. Disse ele: “Por que vocês dizem que os prejudiquei? Tudo o que fiz foi pegar um pedacinho de corda. Com certeza, isto não os arruinará!”

“Pobre coitado!” respondeu o comerciante. “Sim, tudo o que fez foi pegar um pedaço de corda. Mas acontece que meu precioso candelabro estava dependurado nela. Agora, você o quebrou e não é mais possível consertá-lo.”

Os dois contos têm uma só moral.

Freqüentemente, fazendo o que nos parece uma “pequena” mitsvá não podemos imaginar que boa ação realmente fizemos. E, ao contrário, cometendo algo que nos parece uma “pequena” falha, podemos causar uma grande catástrofe.

As ações boas ou más causam “reações em cadeia”. Uma boa ação resulta em outros bons feitos e uma transgressão provoca outras. Qualquer uma delas, não importa quão insignificante seja na aparência, pode criar ou destruir mundos.

O TOQUE DO SHOFAR

Examinemos com mais detalhes o shofar.

O shofar é um chifre de carneiro. Ele nos lembra o carneiro sacrificado por Avraham no lugar de Yitschac. A história da Akedá (amarracão de Yitschac), lida no segundo dia de Rosh Hashaná, volta à nossa mente cheia de vigor. Orgulhamo-nos de ser descendentes de Avraham e Yitschac e por ter herdado algo de sua lealdade e devoção completas a D’us.

O shofar é um dos instrumentos de sopro mais antigos usados pelo homem. Somente a flauta do pastor o iguala em idade, mas não tem função no Serviço Divino nos dias de hoje. O shofar, porém, é o mesmo que aquele usado há milhares de anos! Durante a história da humanidade foram inventados instrumentos novos, abandonados os velhos e somente nos museus poderemos encontrar uma flauta antiga... Não é digno de admiração que ainda nos apeguemos ao antigo shofar?

Naturalmente, se considerarmos o shofar como um “instrumento musical”, ele não tem grande valor. O shofar não produz sons delicados como o clarim moderno, a trombeta ou outro instrumento de sopro. Mas, para nós, o shofar não é um instrumento “musical”; não é usado por prazer ou divertimento. Longe disto – tem um sentido profundo. É um chamado para o arrependimento, avisando a chegada dos Dez Dias de Retorno, que começam com Rosh Hashaná e culminam com Yom Kipur.

A mensagem do shofar, segundo Maimônides, é: “Acordai de vosso sono e ponderai sobre os vossos feitos; lembrai-vos do Criador e voltai a Ele!”

Esta é a sua função: inspirar a alma e provocar vibrações extraordinárias no coração, ativando o sentimento do arrependimento e humildade.

Por ser finalidade do shofar inspirar-nos humildade, podemos compreender o porquê do shofar não ser ricamente decorado. Os ornamentos não o tornam inadequado, desde que fiquem apenas do lado externo sem que suas paredes sejam perfuradas. Isto nos serve como lição da importância da simplicidade e humildade. Como o shofar que se torna inadequado se qualquer ornamento de ouro ou prata atravessar o osso do qual é feito, assim também nos tornamos seres humanos insignificantes se permitirmos que o ouro e prata sejam tão importantes na vida a ponto de “perfurar o osso” e se apossar da mente e da alma.

O shofar também deve ser curvo, para mostrar que nós temos que curvar nossos corações perante nosso Pai Celestial.

Rosh Hashaná chama-se também “Yom Teruá – Dia do Toque”, pois, neste dia, é obrigação de cada judeu ouvir o shofar.

O toque do shofar em Rosh Hashaná é um mandamento da Torá. É um preceito como todos os outros de nossa fé e, portanto, deve ser feita uma bênção especial antes de cumprilo.

O propósito da bênção é agradecer a D’us por nos ter santificado com Seus mandamentos e nos ter dado a oportunidade de cumprir a Sua vontade.

A bênção, em geral, é um preparo para que nossos atos não sejam realizados apenas pela força do hábito e, sim, conscientemente, sabendo seu significado e perante Quem devemos agir. A bênção antes do toque do shofar tem a mesma finalidade.

Vejam agora que bênção é esta: “Bendito és Tu, ó Eterno, nosso D’us, Rei do Universo, que nos santificou com Seus mandamentos e nos ordenou ouvir a voz do shofar.”

Em hebraico a palavra lishmôa (ouvir ou escutar) da mesma raiz de shemá, possui vários significados. Em primeiro lugar, significa escutar ou ouvir com os nossos próprios ouvidos; mas também tem o sentido de entender e obedecer.

E assim, quando aquele que toca o shofar faz a bênção por todos nós, espera-se que não só o som do shofar seja ouvido, como também compreendida e obedecida sua mensagem.

Qual é a mensagem do shofar?

O shofar emite três sons característicos: tekiá – um som contínuo, como um longo suspiro; shevarim – três sons interrompidos, como soluços; teruá – nove (ou mais) sons curtíssimos como suspiros entrecortados em prantos.

Estes sons do shofar evocam e expressam sentimentos de profundo pesar pelos erros do passado. Mais ainda, são também uma conclamação às armas, como um tambor de guerra. O shofar nos convoca a lutar contra tudo que impeça a prática da religião em sua plenitude: desejos, preguiça e negligência; contra a influência de más companhias, etc. Ele diz: “Seja corajoso, não tenha medo ou preguiça de cumprir os santos preceitos, como rezar todos os dias, colocar tefilin, usar tsitsit, guardar Shabat e assim por diante.”

Os preceitos da nossa religião são dignos para que lutemos por eles. E mesmo se no passado não observamos os preceitos cuidadosamente, o shofar diz que nunca é demasiado tarde para começar. D’us sempre perdoo o passado se tomarmos a firme resolução de cumprir melhor os mandamentos no futuro.

Finalmente, após os toques descritos acima, ouvimos a tekiá guedolá – o último som do shofar, um toque longo. Este som não representa soluço, nem suspiro ou lamento, mas um grito de triunfo e alegria. Ele nos lembra o dia auspicioso, quando o grande shofar será tocado para reunir do exílio todo o povo de Israel, como o pastor reúne seu rebanho; e quando, liderados pelo nosso Mashiaich, retornaremos à Terra Santa.

O BOMBEIRO

Muitos anos atrás, antes da existência do corpo de bombeiros e de seus dispositivos modernos contra incêndios, quando a maioria das casas era de madeira, o fogo representava algo terrível. Uma cidade inteira ou grande parte dela podia ser destruída pelas chamas. E quando começava um incêndio todos deixavam seus afazeres e corriam para ajudar a apagar o fogo.

Sempre havia uma torre mais alta que os outros prédios da cidade, onde um vigia observava atentamente. Logo que surgia uma fumaça ou fogo, ele tocava o alarme. Os moradores da cidade formavam então uma corrente humana entre o fogo e o poço mais próximo, passando baldes de água um para o outro até apagar o fogo.

Certa vez, um rapaz, morador de um pequeno povoado, foi pela primeira vez à cidade. Ele parou numa estalagem da periferia. De repente, ouviu o som de um clarim e perguntou ao estalajadeiro o que significava aquilo.

“Onde quer que tenhamos fogo” – explicou o homem ao rapaz – “tocamos o clarim e o fogo é rapidamente apagado.”

“Que maravilha!” pensou o rapaz. “Que idéia sensacional levarei à minha aldeia!”

Em seguida, o rapaz foi comprar um clarim. Quando retornou ao povoado, cheio de entusiasmo, reuniu os moradores.

“Escutem, gente boa” – exclamou – “não é mais preciso temer o fogo. Vejam como o apagarei rápido!”

Dizendo isto, correu para o casebre mais próximo e botou fogo no telhado de palha. O fogo começou a se espalhar rapidamente.

“Não se alarmem!” gritou o rapaz. “Agora, observem-me.”

O rapaz começou a tocar o clarim com toda sua força, parando apenas para tomar fôlego e dizer: “Esperem, isto apagará o fogo num instante!”

Mas o fogo não parecia se importar com a música e pulava de um teto para outro, até que todo o povoado ardia em chamas.

Os moradores começaram a repreender e xingar o rapaz: “Seu tolo!” gritaram, “Você pensa que um mero toque de clarim apagará o fogo? O toque é apenas para acordar o pessoal que estiver dormindo ou chamar os que estão preocupados com seus afazeres para trazer água do poço e apagar o fogo!”

Devemos ter em mente esta história quando ouvimos o shofar, tocado várias vezes durante Rosh Hashaná. Alguns podem pensar, como o rapaz do povoado, que o som do shofar, por si só, fará tudo por eles. Imaginam poder continuar adormecidos ou absortos em seus afazeres sem necessidade de modificar sua maneira

de viver. O shofar, tocado na sinagoga, lhes trará, sem dúvida, um bom Ano Novo. Mas, como o clarim do conto acima, o shofar também é o som do “alarme”. Ele transmite a seguinte mensagem:

“Acordem, voltem a D’us, apaguem o ‘fogo’ que tenta destruir seus lares judaicos. Vão à fonte, a Fonte das Águas da Vida, à Torá e às mitsvot!”

Por isso, imediatamente após o toque do shofar exclamamos:

“Feliz é o povo que compreende o significado do som do shofar; ele anda na Tua luz, ó D’us!”

A MELODIA

Um rei saiu para caçar. Ao perseguir um cervo, adentrou a floresta e, quando olhou à sua volta, viu-se sozinho. Começou a procurar um caminho para sair dali que o conduzisse de volta à cidade e a seu palácio.

Durante a busca, encontrou alguns camponeses mas não foi reconhecido e ninguém lhe prestou atenção. Quando começou a lhes falar, não ligaram, nem mesmo o compreenderam.

Vagando entre as árvores por um longo tempo, o rei ouviu uma bonita melodia tocada numa flauta por um homem que o reconheceu imediatamente, falando-lhe com humildade e respeito. O rei percebeu que se tratava de uma pessoa de coração e gostou dele. Quando disse ao homem que queria encontrar alguém que o conduzisse de volta a seu palácio e ao trono, o homem ficou feliz em poder levá-lo e o rei sentiu-se grato.

Convidou-o ao seu palácio e lhe deu um lugar de honra entre os conselheiros reais. Mandou então fazer roupas caras para o amigo, adequadas à sua posição.

Tempos depois, este homem desobedeceu ao rei, que ficou furioso e lhe ordenou comparecer perante a corte real para ser julgado. Quando chegou o dia do julgamento, o amigo do rei tirou as roupas suntuosas e vestiu-se com aquelas que usava no dia em que o rei o encontrara pela primeira vez. Levou também sua flauta e compareceu humildemente, arrependido, perante a corte real.

Antes de proferir o veredicto, o rei lhe perguntou se havia algum pedido a fazer.

“Permita-me, Majestade, tocar uma melodia na minha flauta” – pediu ao rei. O pedido lhe foi concedido. Ele tocou aquela bonita melodia que havia executado quando o rei estava perdido na floresta.

O rei lembrou-se bem. Recordou o feliz encontro quando aquele homem estranho o reconduziu de volta a seu palácio.

O rei perdoou o amigo, que voltou às boas graças.

Esta história ajuda-nos a compreender melhor o significado do toque do shofar, pois o que nos aconteceu é muito semelhante.

Quando D’us estava prestes a nos outorgar a Torá, Ele procurou vários povos, mas nenhum deles quis aceitá-la.

Finalmente, D’us consultou o povo judeu. Nós O aceitamos junto com a Torá, com as bonitas palavras: “Naassê venishmá – Faremos e ouviremos” – uma promessa de cumprir os mandamentos de D’us sem questioná-los. Assumimos a Lei Divina e proclamamos D’us como Rei no mundo inteiro. Isto O agradou muito.

Quando chega Rosh Hashaná, todas as nossas ações são levadas perante D’us para que sejam pesadas na balança. Podemos, sem dúvida, ficar preocupados com o resultado, caso fôssemos julgados como merecemos. Queremos que D’us seja misericordioso e não leve em conta nosso comportamento no passado. Assim, comparecemos perante Ele da mesma maneira que o fizemos naquele dia no Sinai, quando ouviu-se o som do shofar pela primeira vez e cantamos a bela melodia de Naassê venishmá.

Então D’us Se recorda deste dia e Se volta a nós em misericórdia e perdão. Nosso amor por Ele e Seu amor por nós fica mais forte do que nunca. Podemos então ter certeza de que seremos inscritos no Ano Novo com boa saúde e alegria.

SHOFAR EM ALTO MAR

Um grande e santo rabino certa vez estava a bordo de um navio, junto com dois dos seus discípulos.

Rosh Hashaná estava se aproximando e não havia sinal de terra à vista. Então o rabino e seus discípulos prepararam-se para passar os dias sagrados de Rosh Hashaná em alto mar.

Na noite de Rosh Hashaná caiu um terrível temporal. O navio era arremessado pelas ondas e corria grande perigo de se quebrar. As ondas gigantescas varriam o navio, inundando-o da proa à popa. Os marinheiros lutavam para retirar a água, até perderem as forças. Parecia que era só questão de tempo para o navio afundar, a não ser que o temporal cessasse imediatamente.

Durante todo esse tempo, o santo rabino estava em sua cabina, absorto em suas preces, sem dar atenção ao temporal que ameaçava a embarcação. Ao nascer do sol, quando o temporal ainda não havia cedido, seus dois discípulos decidiram contar-lhe do perigo que ameaçava a todos. Entrando na sua cabina e encontrando-o absorto em suas preces, hesitaram e recuaram, não encontrando coragem para atrapalhá-lo. Finalmente, quando o temporal parecia ter atingido seu auge e era questão de minutos para afundarem, os discípulos decidiram que não havia tempo a perder. Com vozes trêmulas e lágrimas nos olhos, aproximaram-se do rabino e contaram-lhe sobre o perigo que estavam passando.

“Se esse é o caso, então não percamos tempo. Tragamos o shofar rapidamente e vamos cumprir o sagrado mandamento de tocar o shofar enquanto ainda estamos vivos” – disse o rabino.

Os discípulos trouxeram o shofar e logo, o som do shofar era ouvido pelo navio – “Tu, tu...” E os fortes ventos pareciam arrebatá-lo e levá-lo para bem longe...

De repente, o vento começou a amainar, como se estivesse com medo de sufocar o som do shofar. Também o bramido do oceano começou a aquietar-se, e pouco tempo depois, a água estava completamente calma. Os últimos toques do shofar soaram claros na tranquilidade da manhã que acabava de começar.

Acontecera um milagre!

O capitão, os marinheiros e muitos passageiros, seguindo o som do shofar, chegaram à cabina do rabino, onde o encontraram com seus dois discípulos concluindo alegremente o solene serviço do shofar.

Assombrados, curvaram suas cabeças em respeito, e quando o rabino concluiu o serviço, o capitão disse: “Este certamente é um chifre mágico que você possui, pois transformou o mar tempestuoso num calmo lagozinho. Se você mo vender, lhe darei tudo o que quiser.”

O rabino sorriu e respondeu: “Não, meu amigo, não é um chifre mágico, mas sim um shofar, um simples chifre de carneiro, que nós, judeus, fomos ordenados a tocar nos solenes dias do nosso ano novo. Ele desencadeia uma tempestade nos nossos corações que é muito maior do que a tempestade no mar, pois ele nos chama a retornar a D’us com humildade.

“Eu não sabia” – continuou o rabino – “que isso iria nos salvar. Tudo o que queria era cumprir mais um mandamento Divino nos últimos momentos de vida que nos sobraram. Mas D’us é misericordioso e poupou-nos a todos, para que possamos viver uma vida boa e sagrada. Vamos demonstrar nossa gratidão a D’us seguindo sempre Seus mandamentos, tanto em épocas seguras como em horas de perigo.”

ROSH HASHANÁ EM BERDITCHEV

Era o primeiro dia de Rosh Hashaná na sinagoga do Rabi Levi Yitschac de Berditchev. A sinagoga estava lotada. O próprio Rebe dirigia a oração solene da congregação: “Todos proclamaram Tua majestade, ó D’us que julgas...” A voz suave e vibrante do Rebe tocava o coração de todos. Dificilmente se encontraria alguém que tivesse os olhos secos. Da galeria das mulheres irrompiam soluços que faziam brotar lágrimas nas faces de todos.

“A Ele, que examina os corações no Dia do Julgamento...”

Enquanto o Rebe pronunciava estas palavras, sua voz ficou trêmula e os corações dos presentes encheram-se de remorso. Cada um se imaginou perante o Trono da Glória, onde o Juiz de todo o Universo presidia para julgar e pronunciar o veredicto.

“Seja misericordioso e benevolente para conosco” – era a súplica inaudível, vinda dos recônditos de cada coração. O Rebe recitava linha após linha da prece solene, repetida pela congregação até o trecho: “A Ele, que adquire Seus servos em julgamento...” O Rebe parou de repente, pois as palavras morreram em seus lábios. Seu talit escorregou da cabeça para os ombros, expondo sua face pálida; seus olhos estavam fechados

e parecia em transe.

Um estremecimento passou entre os que oravam. Havia algo errado. Uma situação crítica deve ter surgido na Corte Celestial, as coisas não iam bem para os suplicantes. A acusação estava aparentemente para triunfar... Somente mais rezas poderiam mudar o veredito desfavorável. A congregação aguardava em silêncio, corações palpitando. Pouco minutos depois, o Rebe voltou a si. A cor retornou à sua face, que agora irradiava alegria. Sua voz ficara extasiada, enquanto recitava: “A Ele, que adquire Seus servos em julgamento!”

Depois do serviço, quando o Rebe sentou-se à mesa festiva, rodeado pelos seus devotos seguidores, um dos mais idosos tomou coragem e lhe perguntou o que causara a interrupção da reza e porque justamente naquelas palavras.

O Rebe contou:

“Senti-me elevado aos Portões do Céu quando vi Satan, o anjo do mal, carregando um grande peso. Esta cena encheu-me de ansiedade, pois sabia que ele carregava um fardo de pecados para serem depositados nas escadarias da Justiça, perante a Corte Celestial. De repente, Satan largou o saco e voltou para trás – indubitavelmente para trazer mais pecados cometidos por alguns judeus infelizes neste dia mui solene.

“Como o saco foi deixado desguarnecido, fui até lá e comecei a examinar o conteúdo. Estava repleto de todos os tipos de pecados: mexericos maliciosos, ódio infundado, ciúmes, tempo perdido que deveria ter sido dedicado ao estudo da Torá, orações sem intenção e assim por diante – criaturas cheias de pecados pequenos e grandes.

“Enquanto estava imaginando o que fazer, percebi que neste mesmo momento, Satan estava à espreita para pegar mais um pecado e colocá-lo no saco. As coisas não vão bem, pensei. Pus a mão no saco e comecei a tirar um pecado após o outro, para olhá-los mais de perto. Vi que quase todos haviam sido cometidos sem querer, sem prazer, por descuido ou total ignorância. Nenhum judeu era realmente mau, mas as circunstâncias do exílio, pobreza e dificuldades às vezes endurecem o coração, descontrolam os nervos, levam ao ciúme mesquinho, etc.

“De uma maneira bastante estranha, enquanto examinava todos esses pecados e pensava sobre o que estaria por trás deles, pareciam desmanchar-se um a um, até que quase nada restou no saco. Este caiu vazio... No momento seguinte ouvi um grito terrível. Satan voltou-se e, descobrindo o que eu tinha feito, ficou consternado e furioso.

“‘Seu ladrão! Que fez você com meus preciosos pecados? O ano inteiro trabalhei para reuni-los e agora você vem e os rouba! Você me pagará em dobro!’

“‘Mas, como poderia eu pagá-los?’ perguntei. ‘Meus pecados podem ser muitos, mas não tantos!’

“‘Bem, você conhece a lei’ – respondeu o adversário. ‘Aquele que rouba deve pagar em dobro e se não puder pagar, será vendido como escravo! Agora venha!’

“O pensamento de ser servo de Satan congelou meu sangue e estive prestes a desfalecer.

“Finalmente meu captor levou-me perante o Trono Celestial e expôs o caso perante o Juiz Supremo do Universo.

“Após ter escutado a queixa de Satan, o Eterno, Bendito Seja, disse: ‘Vou comprá-lo, pois assim prometi através de meu profeta Yesha’yáhu: “Apesar de ser idoso, Eu serei o mesmo e quando tiver cabelos brancos, mesmo assim vou sustentá-lo. Eu o fiz, Eu vou mantê-lo, Eu irei sustentá-lo e salvá-lo!”’

“Neste ponto, voltei a mim” – concluiu o Rebe Levi Yitschac. “Agora entendo o significado das palavras: ‘A Ele, que adquire Seus servos em Julgamento!’

“Somos os servos de D’us e, quando fiéis, D’us nos protege, pois Ele é o Misericordioso.

“Sejamos pois servidores fiéis a D’us e para sermos poupados de nos tornar servos dos servos e, em mérito disso, o Todo Poderoso certamente nos inscreverá, a nós todos, no Livro da Vida, para um ano bom e doce.”

HISTÓRIAS DE YOM KIPUR

A BÊNÇÃO NO MOMENTO ADEQUADO

Um pai gostava de brincar com seu filho pequeno, a quem muito amava. Certa vez, trouxe-lhe uma bonita maçã, mas não a deu de imediato. Quando o menininho esticava o braço para pegar a fruta, o pai a afastava. O garoto tentou novamente e outra vez o pai afastou a maçã. Esta brincadeira foi repetida várias vezes.

O menino, todavia, era muito esperto. Elaborou um meio para obrigar o pai a lhe dar a maçã sem demora. Quando o pai de novo retirou a maçã, o garoto recitou imediatamente a berachá (bênção) sobre a fruta, que tão bem conhecia. O pai não teve escolha a não ser entregar a maçã para o filho comer, pois de outra forma a bênção teria sido em vão!

Em Yom Kipur, o Dia do Perdão, agimos de modo similar, quando jejuamos e rogamos a D'us para perdoar nossos pecados. Nas preces deste dia, pronunciamos uma bênção louvando D'us como “o Rei que perdoa os pecados”.

Como D'us não quer que recitemos bênçãos vãs, Ele por certo nos perdoará; mas para poder receber o perdão Divino, é preciso sentir verdadeiro pesar pelas falhas cometidas.

SALMOS DE CORAÇÃO

Durante Yom Kipur, devemos aproveitar os momentos auspiciosos do mais santo dos dias, proclamando orações sinceras. Assim, costuma-se preencher o tempo livre com a leitura dos Salmos de David.

Em relação a este fato, segue-se a seguinte narrativa.

O santificado Báal Shem Tov tinha grande amor por todo seu povo. Ele amava os jovens e os velhos, o povo da cidade e os moradores do campo, os eruditos e os sem estudo. A todos amava com a alma e o coração. Não é de se estranhar que os judeus afluíam a ele, de longe e de perto, pois não é o coração tal qual um espelho? E é por isso que tantos judeus procuravam o Báal Shem Tov.

Alguns vinham ouvir suas palavras sobre a Torá; a eles, o Báal Shem Tov revelava os mais recônditos segredos da Torá, fazendo seus corações preencherem-se de alegria. Outros, inclusive os não instruídos, vinham pedir conselhos e bênçãos ou apenas ver sua santa face e ficavam inspirados pelas melodias que ouviam; as músicas eram cantadas sem palavras ou com vocábulos muito simples para que todos pudessem entender.

O povo simples e sem instrução sentia-se envergonhado por não ter tido maior oportunidade de estudar na juventude. O Báal Shem Tov percebia como se sentiam. Sabia porém que isto não ocorrera por culpa deles. Assim, dizia frequentemente para que não se sentissem infelizes, pois D'us ama a sinceridade, a simplicidade, a honestidade e a humildade; e estas qualidades encontram-se em abundância entre os menos instruídos. Neste aspecto não eram superados por ninguém.

O Báal Shem Tov era particularmente amistoso e atencioso com estas pessoas simples e sinceras. Quando se sentava à mesa, cercado por seus discípulos, célebres por sua sabedoria, o Báal Shem Tov convidava também pessoas pobres para repartir com elas o vinho com o qual fazia o kidush; dava-lhes grandes fatias de bolo de mel, fazendo-as sentir-se como seus filhos favoritos.

Os eruditos sentados à mesa não compreendiam por que o Báal Shem Tov dispensava tanta atenção a pessoas não instruídas. O Báal Shem Tov percebia também como se sentiam os eruditos. Certa vez lhes disse:

“Vocês estão surpresos por que me dedico tanto à gente humilde? É verdade que não estudaram tanto quanto vocês. Alguns deles nem mesmo sabem o significado das preces que recitam diariamente, mas seus corações são de ouro; estão a transbordar de amor pela humanidade e por todas as criaturas de D'us. São humildes e honestos. Cumprem todas as mitsvot da Torá com simplicidade e fé, mesmo não conhecendo muita coisa a respeito delas. E além do mais, arde um fogo Divino em seus corações, como o arbusto em chamas que não se consumia. Como invejo seus maravilhosos corações e almas judaicas!”

Os discípulos mal acreditaram no que o mestre acabara de proferir. O Báal Shem Tov fitou-os com seriedade e disse: “Em breve lhes mostrarei que não houve exagero.”

Isto aconteceu durante a terceira refeição de Shabat. Como era de costume, o Báal Shem Tov sentava-se à cabeceira da mesa cercado por seus discípulos. Esta era a ocasião em que lhes ensinava os segredos da Torá. O povo sem poder compreender os mistérios da Torá recolhia-se, nesta hora, a uma sala adjacente onde recitava os Salmos do Rei David da melhor maneira que conseguia.

O Báal Shem Tov fechou os olhos e ficou profundamente absorto. Em seu santo semblante notava-se concentração profunda, e gotas de suor lhe apareceram na fronte. De repente, seu rosto iluminou-se com uma intensa alegria interior. Abriu os olhos e todos os discípulos sentiram-se imersos em felicidade.

O Báal Shem Tov voltou-se ao discípulo à sua direita: “Ponha o braço direito no ombro de seu vizinho.” Ordenou ao seguinte para fazer o mesmo e assim por diante, formando uma cadeia. Então pediu que cantassem uma certa melodia, entoada somente nas ocasiões mais solenes e disse: “Cantem com todo o coração, como nunca o fizeram antes!”

Enquanto cantavam, sentiam os corações elevando-se cada vez mais alto. Quando terminaram o canto, o Báal Shem Tov colocou seu braço direito no ombro do discípulo à sua direita e seu braço esquerdo no ombro do aluno à esquerda, fechando o círculo.

“Fechemos os olhos e nos concentremos” – disse o Báal Shem Tov. Logo, ouviram muitas vozes maravilhosas, melódicas, cantando os Salmos. As vozes eram tão doces e emocionantes que sentiam cada fibra de seus corações vibrar num ritmo maravilhoso. Algumas vozes transmitiam fé inabalável, outras eram plenas de alegria; outras ainda exprimiam um apelo que conquistava os corações. Podiam distinguir claramente as palavras dos Salmos com as quais estavam tão familiarizados e as frequentes exclamações que se mesclavam ao próprio texto: “Ó Pai Celestial!” ou “Ó Doce Pai do Céu!” ou “Ó Mestre do Universo!”

O círculo de discípulos que se juntou ao Báal Shem Tov neste passeio celeste permanecia sentado, fascinado, em completo silêncio. Eles perderam todo o senso de tempo e espaço. Lágrimas brotavam de seus olhos fechados e seus corações estavam repletos de êxtase, a ponto de estourar. De repente, cessou o canto, pois o Báal Shem Tov retirou seus braços, quebrando o elo. Um momento a mais e as almas dos discípulos teriam certamente deixado seus corpos.

Quando se refizeram desta experiência comovente, o Báal Shem Tov lhes disse o quanto D'us ama ouvir os Salmos, principalmente quando provêm dos corações puros de gente simples, honesta e humilde.

“Mas de quem eram as vozes que ouvimos há pouco?” perguntaram os discípulos. Eles ficaram realmente surpresos quando o Báal Shem Tov respondeu: “Vocês escutaram, por um breve instante, os Salmos recitados pelo povo humilde na sala adjacente, da maneira pela qual os anjos do Céu os ouvem!”

O MACHZOR ABERTO

Era véspera de Yom Kipur. A congregação permaneceu em silêncio e todos os olhos se voltaram para a figura do reverenciado Báal Shem Tov. Ele lá estava, vestido em sua túnica branca e envolto no talit que cobria sua cabeça inclinada. Enquanto aguardavam o Báal Shem Tov se preparar para a sagrada oração de Col Nidrê, aqueles que estavam próximos a ele viram uma sombra de preocupação a lhe obscurecer a face; mas ninguém ousou perguntar o que havia de errado. Sua visível inquietação refletia-se no rosto de todos os presentes, enquanto recitavam a emocionante prece de Col Nidrê.

Durante a breve pausa entre Col Nidrê e as próximas preces, o Báal Shem Tov voltou a ficar pensativo. De repente, um sorriso suave iluminou sua face e, enquanto pedia que as rezas fossem continuadas, todos sentiram um alívio inexplicável. Não haviam compreendido a razão da preocupação anterior do Rebe, nem por que sorria agora. Tudo o que sabiam era que, qualquer que fosse o motivo que afetou seu santo líder, afetava também a todos e a cada um deles.

Ao término de Yom Kipur, o Báal Shem Tov contou a seus seguidores a seguinte história:

“Meus amigos, eu lhes contarei o que me comoveu tão profundamente durante as orações de ontem à noite. O caso está relacionado com um estalajadeiro judeu numa cidade próxima.

“O estalajadeiro era um homem religioso, muito educado e honesto, a quem o dono da terra, um nobre polonês, muito admirava e tratava como um amigo pessoal. De repente, sem qualquer sinal de doença, o estalajadeiro morreu, deixando uma viúva com um filho pequeno. A pobre mulher ficou profundamente abalada pela perda sofrida e, pouco depois, veio a falecer.

“O nobre polonês sentiu muito o que se passara com seu arrendatário e amigo e, quando a viúva morreu, achou ser seu dever cuidar da criancinha órfã. Como era um homem muito bondoso, ofereceu à criança os melhores cuidados; educou-a como seu próprio filho.

“Anos se passaram e o menino não sabia que não era filho do nobre cristão. Certo dia, o dono da terra convidou alguns amigos para visitá-lo. Enquanto as crianças brincavam no jardim, uma delas, no meio de uma briga, chamou o ‘filho’ do nobre de judeu. O menino correu ao ‘pai’ chorando e lhe perguntou se era verdade que era judeu!

“ ‘Meu querido rapaz’ – respondeu-lhe com carinho – ‘você sabe o quanto o amo e sempre o tratei como se fosse realmente meu filho. Quando morrer, você será o meu herdeiro; deixar-lhe-ei tudo – fazendas, pomares e florestas. Que mais poderia fazer por você?’

“ ‘Então, eu não sou seu verdadeiro filho! Sou um judeu e você nunca me contou!’ – exclamou o menino soluçando. ‘Quem eram meus pais? Eu devo saber, por favor!’ O nobre colocou as mãos nos ombros do rapaz tentando reconfortá-lo.

“ ‘Meu rapaz, você deve ter orgulho de seus pais. Eram pessoas muito honestas, bons judeus, tementes a D’us. Seu pai era meu amigo. Foi por causa disso que achei ser meu dever levá-lo à minha casa e criá-lo como um filho. Você sabe, eu não tenho outros filhos e o amo com todo o carinho.’

“Pouco a pouco, o menino soube de toda história de seus pais. O nobre lhe disse que os pais não lhe deixaram nada, a não ser um pequeno pacote que encontrava-se num lugar seguro, aguardando o momento certo de ser entregue. O nobre foi buscar o pacote e deu-o ao menino.

“Com o coração palpitando e as mãos trêmulas, o menino abriu o embrulho. Nele encontrou um velho saco de veludo preto, com estranhas letras bordadas em ouro. Abriu-o e tirou um xale de lã branca; continha ainda duas pequenas caixas pretas com tiras de couro enroladas nelas e um livro.

“Certamente, o menino não sabia que eram talit e tefilin, nem podia compreender o que continha aquele grosso livro, o machzor. Mas como estas coisas preciosas haviam pertencido a seus pais, seus verdadeiros pais, a quem ele jamais conhecera, resolveu guardá-las como um tesouro, durante toda sua vida.

“Um dia o nobre teve de empreender uma viagem de negócios, o que deu ao rapaz a chance de meditar. Fez longos passeios na floresta e passou horas pensando. Chegou à conclusão que amava o nobre e lhe era grato, mas, apesar disto, um sentimento estranho tomou conta dele, impelindo-o a procurar seus irmãos judeus. Sabia da existência de alguns deles nas fazendas de seu ‘pai’. Ele precisava vê-los e falar-lhes. Talvez alguns deles se lembrassem de seus pais!

“Nessa noite, sonhou que seus pais vieram vê-lo, primeiro o pai e depois a mãe. Eles lhe disseram que não era mais criança. Devia saber que era judeu e teria que voltar a seu povo, ao qual pertencia.

“No dia seguinte, cedo, saiu depressa de casa para que nenhum serviçal pudesse pará-lo ou questioná-lo. Andou até o povoado próximo, onde viu alguns judeus colocando malas em carroças. ‘Bom dia para vocês’ – cumprimentou-os. ‘Estão indo à feira?’

“ ‘Não, não agora’ – responderam-lhe. ‘Aproxima-se a data sagrada de Yom Kipur e por isto estamos levando nossas famílias à cidade próxima para que, pelo menos neste dia especial, todos possamos rezar na sinagoga, junto com outros judeus.’

“O rapaz voltou para casa pensativo. Por que não pegaria o presente deixado por seus pais para mostrar a esses judeus? Eles, com certeza, lhe diriam para que servia! A idéia não o deixava em paz. E também, o que é este Yom Kipur?

“Passaram-se alguns dias e o nobre ainda não voltara. O rapaz concluiu que tinha idade suficiente para resolver sozinho as coisas que afetariam o seu futuro. Ele era judeu e queria voltar a seu povo. Assim, pegou algumas roupas, um pouco de comida e deixou uma carta contando a seu ‘pai’ onde iria. Então dirigiu-se para a cidade onde os judeus do povoado disseram que iriam.

“Após vários exaustivos dias de viagem, pegando carona quando conseguia, mas principalmente cami-

nhando, chegou afinal a seu destino. Descobriu onde ficava a sinagoga e entrou lá no exato momento em que todos cantavam as notas solenes de Col Nidrê. Sem fazer barulho, o rapaz sentou-se junto à porta. Olhou ao redor e viu então uma cena que lhe provocou um profundo respeito: judeus de todas as idades, orando de coração, alguns com lágrimas nos olhos. Sentiu um nó na garganta, enquanto tirava seu xale branco e o enrolava nos ombros. Pegou seu livro e tentou segurá-lo como os outros. Abriu-o, mas não conseguiu compreender nem ler uma só palavra. Começou então a soluçar.

“Com lágrimas escorrendo pelas faces, o rapaz gritou: ‘Ó D’us! Sabes que não posso ler, nem mesmo sei o que dizer ou como rezar. Eu sou apenas um rapaz perdido! Eis o livro de rezas! Por favor, querido D’us, escolha as palavras certas para formar as minhas preces!’

“O desespero deste pobre menino chegou à Corte Celestial. As portas se abriram para as suas preces e, junto com sua oração simples, as nossas rezas foram aceitas.”

Quando o Báal Shem Tov terminou esta narrativa comovente, lágrimas encheram os olhos dos presentes. Durante as orações, frequentemente voltavam seus pensamentos para esta história diferente sobre um menino judeu que se perdeu por algum tempo. Meditavam sobre sua própria condição e como também eram almas perdidas que não sabiam rezar tão bem quanto deveriam. Todos eles, assim como o rapaz, desejavam sinceramente, que o bondoso D’us aceitasse suas preces e concedesse a todos um Ano Novo verdadeiramente feliz. Aprenderam que a parte mais importante da reza é a sinceridade e a devoção a D’us, que vem do coração.

A PRINCESA

Certa vez, viveu um grande rei que tinha apenas uma filha. A princesa era nobre e honrada e quando cresceu, o rei procurou um jovem virtuoso para desposá-la. Muitos príncipes e duques cortejavam-na, mas ela recusou-os um a um. “Este é um glutão” ou “Este gosta por demais de vinho” – dizia ela. O rei, impaciente, jurou que o próximo jovem que passasse pelos portões do palácio se casaria com a princesa.

Aconteceu que o primeiro homem a passar pelos portões do palácio era um mero camponês. Mas o rei, sendo um homem de palavra, casou sua filha com ele. O noivo levou a esposa até seu povoado, onde se estabeleceram.

Para o camponês, a princesa era apenas uma mulher e a tratava como sempre achou que deveria tratar a sua esposa. Ela trabalhou duro; seu rosto formoso ficou marcado e suas mãos se tornaram ásperas pelo trabalho. Os camponeses vizinhos frequentemente troçavam dela e a insultavam. A coitada da princesa estava muito infeliz. Começou a escrever a seu pai diariamente, queixando-se. O rei ficou com pena de sua querida filha e mandou-lhe um recado que iria visitá-la.

A notícia da chegada do rei espalhou-se rapidamente no povoado e começou o rebuliço. Todos acorreram à casa do genro do rei para ajudar na limpeza e decorá-la. A princesa começou a ser tratada com grande respeito. Não tinha mais que fazer trabalhos pesados e sujos. Fizeram-lhe um tratamento de beleza e foi vestida com roupas finas. Todos passaram a ser amistosos e a respeitá-la.

Quando o estafeta do rei chegou trazendo a notícia que o monarca estava a caminho, todos saíram para cumprimentá-lo. “Viva o rei! Viva a princesa!” – gritavam eles, enquanto acompanhavam o rei e sua filha pelo povoado decorado e iluminado.

O rei entrou na casa de seu genro, achando-a limpa e impecavelmente decorada com enfeites e flores. Viu a honra e o respeito gozados por sua filha e ficou contente. Estranhou que a filha tivesse escrito tais cartas alarmantes.

O pai e a filha passaram um dia feliz, juntos, e o rei preparou-se para voltar. A princesa abraçou seu pai e começou a chorar: “Ó pai, querido pai, não me deixe aqui, leve-me junto! Por favor, leve-me para casa!”

“Mas minha querida filha” – respondeu o rei – “você parece estar feliz aqui; percebe-se que eles a estão tratando com mais respeito e afeição do que a qualquer princesa que conheço!”

“Ó caro pai” – chorou a princesa – “toda essa honra e afeição que eles demonstraram hoje é só para agradar ao senhor. Eles souberam de sua vinda e foi por isso que fizeram tudo isto. Mas assim que partir, começarão a tratar-me como antes, insultando-me e fazendo-me infeliz.”

O rei chamou o seu genro de lado e perguntou-lhe: “Que maneira é essa de tratar a minha filha? Você não sabe que ela é uma princesa?”

Os olhos do marido encheram-se de lágrimas, enquanto respondia: “Sua Majestade, eu sei que ela é uma princesa, mas o que poderia eu fazer? Sou um homem pobre e preciso trabalhar duro para sobreviver. Sou incapaz de proporcionar-lhe o tipo de vida que ela realmente merece. Além disto, vivemos em um povoado, entre pessoas maldosas e invejosas. Eles não apreciam as qualidades de sua filha e aproveitam todas as oportunidades para insultá-la. Mas o senhor é um grande rei. Uma vez que achou conveniente escolher-me como genro, leve-me embora daqui, eleve-me à sua posição, dê-me uma propriedade digna de sua filha e do genro do rei, e então serei capaz de dar a ela o tipo de vida que realmente merece!”

O Rei dos reis, o Eterno, bendito seja, quis dar sua filha, a Torá, a Adam, o primeiro homem criado pelas Suas próprias mãos. Mas a Torá disse: “Ele é um glutão; ele comeu da Árvore do Conhecimento, contrariando Seu mandamento expresso.”

Depois D’us quis dar a Torá a Nôach e a Torá disse: “Ele gosta demais de vinho. Não foi ele que plantou um vinhedo e ficou bêbado?”

Finalmente, D’us deu a Torá aos filhos de Israel, aos quais acabou por tirar da escravidão do Egito.

Durante o ano inteiro, a Torá é frequentemente negligenciada e até envergonhada. Dia após dia, a Torá envia mensagens ao Rei, queixando-se do tratamento que recebe, pois está escrito: “Todos os dias uma voz celeste chama: ‘Ai das criaturas que envergonharem a Torá!’ ”

Então chegam os mensageiros do Rei para anunciar a sua chegada – são os dias de Elul, anunciando a vinda de Rosh Hashaná. Eis que acordamos e começamos a preparação: oramos, estudamos, recitamos Salmos, como nunca antes. Rosh Hashaná não nos encontra despreparados. Tocamos o shofar e aclamamos o Rei dos reis.

D’us está entre nós e desfrutamos de Sua luz Divina; os corações se enchem de reverência e amor pela proximidade de D’us e Sua Majestade Divina. Chega Yom Kipur e D’us encontra todos os judeus penitenciando-se, puros e santos, como os anjos.

Mas, com o término de Yom Kipur, depois do toque do shofar que anuncia a partida da Presença Divina, a Torá começa a gritar: “Pai, Pai, não me deixa! Leva-me contigo, porque em breve tomarão de mim toda a glória, esquecerão quem eu sou, recomeçarão a maltratar-me!”

Então D’us diz a Seu povo: “É esta a maneira como tratam minha filha? Vocês não sabem que a Torá é uma princesa Divina?”

E o povo judeu responde: “Mestre do Universo! Nós conhecemos a grandeza da Torá, mas que podemos fazer? Vivemos na pobreza, não temos um lar adequado. Habitamos entre as nações do mundo que não querem saber da Torá. Assim sendo, por favor, leva-nos daqui, conduze-nos de volta à nossa Terra Santa, pois o mundo inteiro é Teu; devolve-nos a ela como herança e seremos capazes de manter a Torá em glória!”

É por isto que, logo após o toque do shofar, no fim de Yom Kipur, dizemos:

“LESHANÁ HABAÁ BIRUSHALÁYIM!”

“No próximo ano em Jerusalém com Teu justo Mashiach e lá Te serviremos como nos tempos antigos!”

